

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

17

Ἰσθμίου Πηληϊάδεω Ἄγαθης

Μηνὶν Ἀεΐδαε θεᾶ Πηληϊάδεω

ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

JEAN BOTTÉRO

IN MEMORIAM

Habituíamo-nos a *escutar* Jean Bottéro através da sedutora narrativa dos seus livros, urdidos numa escrita que nos enleia e que nos transporta para o mundo da fascinante Mesopotâmia. A sua escrita e a profunda e seminal reflexão que a sustenta conduzem-nos docemente à permanente descoberta e espreitam novos horizontes na história cultural e das mentalidades das antiguidades. A Mesopotâmia torna-se uma realidade menos estranha, definindo-se menos pelo exotismo e mais pelo reconhecimento de algumas das raízes profundas da nossa idiossincrasia cultural. Apesar de longínqua, a Mesopotâmia, assim desvelada, torna-se próxima de nós, cativando-nos não pela irresistível atracção da imagem mas antes pela densidade e espessura da sua literatura e do seu pensamento. Jean Bottéro deixou-nos no passado dia 15 de Dezembro de 2007, aos noventa e três anos de idade, mas a sua obra historiográfica permanece com a frescura e com a irreverência de sempre.

Antes de se ver reconhecido como um dos mais eminentes historiadores franceses do século XX e profundo especialista no estudo da Mesopotâmia e da cultura bíblica, Bottéro trilhou um longo caminho na sua formação intelectual. Com origem numa humilde família de emigrantes piemonteses, nasceu a 30 de Agosto de 1914, em Vallauris, na região dos Alpes marítimos. Ainda menino, com onze anos, entrou no seminário, em Nice, onde aprendeu o latim e o grego. Mais tarde, em 1931, fez o noviciado no convento dominicano de Biarritz e, um ano depois, em 1932, tomou o hábito. É aí que desponta a sua curiosidade e o interesse pela cultura e pela exegese bíblicas, bem como pelo pensamento religioso. A sua inquietação e desassossego intelectuais levam-no a interessar-se pela Mesopotâmia, procurando compreender onde se fundava a cultura bíblica e como esta se entendia na relação genética com a civilização milenar de entre o Eufrates e o Tigre.

Terá sido esse *continuum* cultural de matriz semita que o inquietou toda a sua vida e que o motivou na sua reflexão recorrente.

O padre Lagrange, fundador da École Biblique de Jérusalem, terá reconhecido em Jean Bottéro a centelha de uma inteligência perspicaz e dada a interrogações e alimentado o seu sonho de aprofundar o estudo da cultura bíblica e das línguas semíticas em Jerusalém. O projecto foi interrompido bruscamente com a morte do seu mentor e com o deflagrar da II Guerra Mundial. Em Saint-Maximin, leccionou filosofia grega e exegese bíblica. O olhar crítico sobre a Bíblia e a problematização do Antigo Testamento fá-lo-iam entrar em rota de colisão com a exegese tradicional e com a posição oficial da Igreja, sendo afastado do ensino em Saint-Maximin. Dedicou-se ao estudo da língua acádica e, em 1947, entrou no CNRS, e três anos depois, em 1950, passou definitivamente ao estado laico.

A sua nova condição não implicou o desinteresse pela cultura bíblica; pelo contrário, Jean Bottéro, que se dedicará doravante sobretudo ao mundo da assiriologia, jamais deixará de questionar e de reflectir sobre a matriz cultural e civilizacional que subjaz à Bíblia. Por esses anos, vagueou pelo Médio Oriente, participando em escavações arqueológicas na Síria e no Iraque, convivendo com homens marcantes no domínio da arqueologia, como André Parrot, e tomando consciência da realidade geográfica e antropológica em que se fundaram as antigas culturas pré-clássicas.

Nunca pôs a carreira à frente dos seus princípios, sendo reconhecida a sua frontalidade, o que lhe granjeou algumas inimizades. Mas também construiu cumplicidades intelectuais com algumas das personalidades mais marcantes do seu tempo. Entre elas, podemos destacar René Labat, que se bateu por uma posição institucional para Bottéro na École Pratique des Hautes Études, em 1958, Elena Cassin, assirióloga, e Jean-Pierre Vernant, eminente historiador e especialista em mitologia grega, nascido igualmente em 1914. Partilharam reflexões e escreveram vários textos em conjunto.

Jean Bottéro não foi nem um arqueólogo nem um filólogo, embora tenha adquirido as competências e os saberes especializados nesses domínios assiriológicos. Foi, acima de tudo, um historiador da cultura e das mentalidades, empenhado em aprofundar o estudo da religião e da cultura mesopotâmicas. A sua obra historiográfica, deveras extensa, testemunha essa sensibilidade que vai muito para além da filologia e da arqueologia. Dedicou vários dos seus livros à tradução e edição de textos antigos, de que se destaca *UÉpopée de Gilgamesh. Le grand*

homme qui ne voulait pas mourir, Paris, Gallimard, 1992, e com Samuel Noah Kramer, esse gigante da sumerologia, partilhou a escrita de *Lorsque les dieux faisaient l'homme. Mythologie mésopotamienne*, Paris, Gallimard, 1989. A sua produção historiográfica foi fértil em parcerias. Com Jean-Pierre Vernant e Clarisse Herrenschildt escreveu *L'Orient ancien et nous. L'écriture, la raison et les dieux*, Paris, Albin Michel, 1996; com Joseph Moingt e Marc-Alain Ouaknin, *La plus belle histoire de Dieu. Qui est le dieu de la Bible ?*, Paris, Le Seuil, 1997; com Marie-Joseph Stève, *Il était une fois la Mésopotamie. Babylone, à l'aube de notre culture*, Gallimard, 1994.

Destacamos ainda outros títulos marcantes: *La Religion babylonienne*, Paris, PUF, 1952; *Le code d'Hammurabi*, Éd.l'Accueil, 1968; *Mythe et rite de Babylone*, Paris, Honoré Champion, 1985; *Naissance de Dieu. La Bible et l'historien*, Gallimard, 1986; *Mésopotamie. L'écriture, la raison et les dieux*, Gallimard/NRF, 1987; *Initiation à l'Orient ancien. De Sumer à la Bible*, Paris, Le Seuil, 1992; *Babylone à l'aube de notre civilisation*, Paris, Gallimard, 1994; *Babylone et la Bible. Entretiens avec Hélène Monsacré*, Paris, Les Belles Lettres, 1994; *La plus belle histoire de Dieu. Qui est le Dieu de la Bible?*, Paris, Seuil, 1997; *La plus vieille religion: en Mésopotamie*, Paris, Gallimard, 1998; *La plus vieille cuisine du monde*, Paris, Louis Audibert, 2002.

De entre a sua extensa e profícua bibliografia, gostaríamos de realçar *Mésopotamie. L'écriture, la raison et les dieux*. Trata-se de um conjunto de textos em que o autor traduz de forma consistente a sua convicção de que a matriz civilizacional que caracteriza o ocidente se funda, em boa parte, na Mesopotâmia e não apenas no judeo-cristianismo ou no legado clássico, evidenciando todo um *continuum* cultural entre esse passado remoto e a civilização ocidental. Por outro lado, Bottéro discute e reinventa o conceito e as formas de racionalidade, explorando ainda de modo coerente e persuasivo a ideia de que o espírito científico terá tido a sua origem na adivinhação e na Mesopotâmia.

Os caminhos que Bottéro trilhou no início da sua vida como historiador, isto é, a cultura bíblica e as suas raízes, o terreno em que se fundou o judeo-cristianismo, e em especial a emergência do monoteísmo, jamais deixariam de ser percorridos pelo autor, numa recorrente demanda intelectual. Internou-se nos meandros do pensamento e da cultura mesopotâmica, procurando compreender a sua natureza profunda e a sua importância estruturante na civilização ocidental.

Francisco Caramelo